

Crise freia o crescimento da classe média em 2009

Pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas mostra que houve queda no primeiro trimestre. Recuperação aconteceu só no fim do ano

A crise econômica global freou o avanço da classe média em 2009. Houve uma queda mais acentuada ao longo do primeiro trimestre do ano passado e, em dezembro, ocorreu uma recuperação, voltando ao mesmo nível do fim de 2008. Essa é a principal conclusão de pesquisa divulgada ontem, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O levantamento mostra que a classe C, com renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807, abrangia 53,81% dos brasileiros antes da chegada da crise financeira internacional, há dois anos. O percentual ficou praticamente estável e fechou 2009 com 53,58% da população. Essa faixa de renda vinha crescendo desde 2004 – quando representava 42,99% dos brasileiros.

De acordo com a pesquisa, nos últimos seis anos, a classe C incorporou 32 milhões de pessoas, um aumento de 26% nessa faixa. O avanço, em termos percentuais, é menor do

que o crescimento das classes A e B (com renda acima de R\$ 4.807), que foi de mais de 50% entre 2003 e 2009.

“Nem tsunami, nem marolinha. Ressaca pesada”, disse o economista Marcelo Neri, responsável pela pesquisa, sobre os efeitos das turbulências econômicas iniciadas em setembro de 2008. “Todo mundo perdeu um pouco. A melhor descrição para 2009 é um revolução de 360° [graus], com as classes voltando ao

mesmo lugar. O dado positivo é que parou o avanço, mas não houve retrocesso.”

Dentre as faixas de renda mais baixas, a classe D, com vencimentos entre R\$ 804 e R\$ 1.115, avançou de 13,18%, em dezembro de 2008, para 13,37%, em dezembro de 2009. A classe E, com renda de até R\$ 804 por mês, teve uma pequena queda de 17,68% para 17,42%.

Neri espera a retomada da classe média e projeta um ce-

nário otimista ao calcular que o país vai manter um ritmo de crescimento médio de 5% ao ano, equivalente à taxa do período compreendido entre 2003 e 2008, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utilizadas como base para o estudo da FGV.

“Até 2014, as classes A, B e C, com um pouco de distribuição de renda no país, podem incorporar 36 milhões de pessoas”, acrescentou. ■

Classes mais baixas apresentam diminuição

• Nos últimos seis anos, as classes de renda mais elevada cresceram cerca de 50% no país. Segundo pesquisa divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), as classes A e B, com renda mensal acima de R\$ 4.807, representam hoje 15,63% da população contra 10,66% em 2003.

Coordenado pelo economista Marcelo Neri, o estudo revela, por outro lado, diminuição das classes mais baixas. A classe E, com renda

de até R\$ 804, passou de 29,95% para 17,42% e a classe D, com renda até R\$ 1.115, diminuiu de 16,41% para 13,37%.

A classe C, que concentra grande parte da população (53%) e tem renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807, também voltou a crescer, passando de 42,99%, em 2003, para 53,38%, em dezembro passado.

A pesquisa *A Pequena Grande Década: Crise Cenários e a Nova Classe Média* incorpora as

mudanças provocadas pela crise financeira em 2009, que fez oscilar as composições de todas as classes. No entanto, mostra que, ao longo do ano, elas se recuperaram e retomaram o patamar de 2008.

Neri explicou que as perdas ocorreram quando a crise chegou ao país. Nos três meses anteriores, no auge do problema, as classes mais prejudicadas foram a A e a B. No período 2008-2009, 14,38% desses indivíduos caíram de classe. ■